

Organização:
Marcos Moura
Jordana Bulcão

The cover of the magazine features a vibrant, abstract background with a gradient of orange, yellow, and green. At the top, the word "Revista" is written in a simple, black, sans-serif font. Below it, the word "PARINTINS" is rendered in large, bold, white capital letters with a thick black outline and a slightly distressed, hand-painted texture. Underneath "PARINTINS", the words "CULTURA E DIVERSIDADE" are written in a smaller, bold, white capital font, also with a black outline. The overall design is energetic and visually appealing, reflecting the cultural theme of the publication.

MOVIMENTO GRITO DA PERIFERIA



Marcos Moura
Jordana Bulcão
Organização

PARINTINS, CULTURA E DIVERSIDADE





REALIZAÇÃO



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO



APOIO



Esta revista é uma publicação do Instituto Cultural Ajuri (INCA) e integra o "Grito do Periferia Virtual", projeto contemplado com prêmio da Lei Aldir Blanc através de Edital da Prefeitura Municipal de Parintins (AM).

Organização

Manoel Marcos de Moura Clementino (Marcos Moura) e
Jordana Naide Bulcão Farias.

Editores

Leonardo Canto
Jhonatan Beltrão

Capa

Leonardo Canto
Jhonatan Beltrão

Diagramação

Leonardo Canto
Jhonatan Beltrão

Revisão

Manoel Marcos de Moura Clementino (Marcos Moura) e
Jordana Naide Bulcão Faria.

Impressão

Gráfica e Editora João XXIII

Rua Governador Leopoldo Neves, 582 – Centro
CEP: 69.152-065 - Parintins – Amazonas – Brasil
Telefones: (92) 99115-1742 / 3533-1742
E-mail: graficapin@gmail.com

P231 Parintins, cultura e diversidade [Recurso Eletrônico]/ Organizado
por: Manoel Marcos de Moura Clementino (Marcos
Moura) e Jordana Naide Bulcão Farias – Parintins:
Gráfica e Editora João XXIII, 2021. Modo de
acesso: <<https://casaraodeideias.com.br>

ISBN: 978-85-67959-66-5

1. História 2. Diversidade cultural –
Amazônia I. MOURA, Marcos. II. BULCÃO,
Jordana. III. Título

CDU 94+304.4(811)(05)



Sumário



MOVIMENTO CULTURAL GRITO DA PERIFERIA.....	7
A MUSICALIDADE AMAZÔNICA DO GRUPO AJURI.....	12
COLETIVO DE MULHERES ARTISTAS DE PARINTINS - TAMO JUNTAS.....	15
BURITI, ARTES E QUADRINHOS DE PARINTINS.....	17
FESTIVAL AFRO AMAZÔNICO.....	20
BOI MIRIM ESTRELINHA.....	23
O ROCK ETNICO DA BANDA KOHVA.....	25
AS LINHAS ANCESTRAIS DE AURY LENNO, O DESENHO COMO ARTE DECOLONIAL.....	27
PASTORINHAS NATALINAS,PATRIMÔNIO CULTURAL DO AMAZONAS.....	30
COLETIVO DE ARTISTAS ESTUDANTES DE PARINTINS – ÁRTRUA.....	33
PELA INSTITUCIONALIZAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO SISTEMA MUNICIPAL DE CULTURA DE PARINTINS.....	35
TAMBORES DA TERRA, UMA INTERVENÇÃO MÚSICO- VISUAL.....	37
CHAMAS DE ESPERANÇAMENTOS - IN MEMORIAM.....	40
CULTURA RELIGIOSA: O RITUAL DE RECOMENDAÇÃO DAS ALMAS EM PARINTINS.....	44
FOTOGRAFIA: AARTE DE LUZ E SOMBRA DE EDUARDO MELO.....	48
PROJETO EXCULTURA – A ARTE AMBIENTAL DE IRAN MARTINS.....	51
PROJETO ARTE DE CURUMIM, AARTE SOCIAL DE GLAUCIVAN SILVA.....	55
RITUAIS ÍNDIGENAS, DESVENDANDO SEGREDOS ALEGÓRICOS – A ARTE DE MARIALVO BRANDÃO.....	56
CARAVANA AMAZÔNICA.....	59
KAPI: UMA LIDERANÇA CLÂNICA SATERÉ MAWÉ.....	61
CURUMIZ – GRAFFITI PARINTINTIN.....	65
CENTRO DE PRODUÇÃO E DIFUSÃO DA CULTURA DE PARINTINS – CPDP.....	70
BREVE HISTÓRIA DO HIP-HOP.....	72
INSTITUTO CULTURAL AJURI – INCA.....	76
ESCOLA AFRO-AMAZÔNICA.....	81
COMPANHIA DE TEATRO PARINTINTIM.....	85





EDITORIAL

PARINTINS

CULTURA E DIVERSIDADE



A revista "Parintins, Cultura e Diversidade", que integra o projeto Grito da Periferia Virtual do Instituto Cultural Ajuri (INCA), tem o objetivo de promover e valorizar a diversidade cultural e artística de Parintins, município amazonense que expressa riqueza criativa em diversidade para além do famoso Festival Folclórico protagonizado pelos bumbás Garantido e Caprichoso.

Em Parintins, artistas, mestres populares, produtores e demais trabalhadores da cultura são protagonistas de uma extraordinária produção criativa, onde as dimensões simbólica, cidadã e econômica da cultura e da arte se fundem e dinamizam-se. Riqueza e complexidade que exigem atenção, estudos, pesquisas e formulação participativa de políticas públicas ligadas a um projeto de desenvolvimento sociocultural sustentável. Tal desafio passa pela necessidade de implementação do Sistema Municipal de Cultura (SMC) em cumprimento ao Plano Nacional de Cultura (PNC).

Nessa pioneira edição da revista reunimos artigos e demais textos de divulgação de ações e projetos de artistas, mestres, produtores e outros trabalhadores e entidades culturais. Também apresentamos propostas de diretrizes de políticas públicas construídas coletivamente pelo Movimento Cultural Grito da Periferia.

Boa leitura!

Marcos Moura.
Especialista em Gestão e Produção Cultural
Presidente do Instituto Cultural Ajuri (INCA).



MOVIMENTO CULTURAL GRITO DA PERIFERIA

O Grito da Periferia é um movimento cultural que reúne artistas, mestres populares, estudantes, educadores, grupos, manifestações e entidades, com o objetivo de promover a cidadania, a sustentabilidade e a diversidade cultural e artística da cidade Parintins (AM) e região do Baixo Amazonas. Desenvolve ações e projetos socioculturais voltados para a mobilização, integração, articulação, formação, produção cultural e entretenimento de jovens, estudantes, artistas e fazedores de cultura de bairros populares.

As atividades realizadas pelo “Grito” são variadas, como seminários, palestras, cursos, oficinas, mostras, campanhas, caravanas, concursos e eventos, com destaque para o “Grito da Periferia” - mostra cultural e artística realizada desde a criação do movimento em 2005, e que hoje se tornou um dos maiores eventos de artes integradas da região norte, tendo reunido mais de 500 artistas em sua última edição em 2019, realizada como parte da programação de aniversário de Parintins com a participação de artistas locais e visitantes de Manaus (AM), Barreirinha (AM), São Paulo (SP), Belém (PA), Salvador (BA) e Brasília (DF).

A origem do Grito.

No ano de 2005 o artista e professor Cayo Dagnaisser foi brutalmente assassinado vítima de homofobia. O crime chocou a sociedade parintinense, que cobrou providências do poder público em relação à segurança pública. Iniciou-se em seguida uma série de operações policiais



em bairros populares, onde ocorreram diversos casos de abuso de autoridade e violência policial contra jovens pobres, pretos e pardos. Um desses casos de marginalização da juventude da periferia aconteceu no bairro Djard Vieira, com um grupo de jovens que após um jogo de futebol conversavam em uma das ruas do bairro. Parte desses jovens eram militantes da União da Juventude Socialista-UJS, entidade juvenil presidida na época pelo artista Marcos Moura, líder que, após receber a notícia do ocorrido, reuniu com as vítimas, seus familiares e moradores e sugeriu a realização de uma agenda organizada de protesto, com formalização de denúncias, reuniões de diálogo com o comando da Polícia Militar, entrevistas nas rádios, debates nas escolas e um grande e inédito evento para divulgar a riqueza da cultura e da arte produzida pelos jovens dos bairros de Parintins: o “Grito da Periferia”. As ideias e sugestões foram abraçadas e melhoradas por todos, todas e todes, e a cada reunião de organização que se realizava o grupo crescia ainda mais.

A primeira edição do Grito da Periferia foi realizada no mesmo ano (2005) no Bumbódromo, envolvendo cerca de 150 participantes, entre jovens artistas, entidades e manifestações da cidade. Na ocasião, com a autorização e apoio do prefeito Bi Garcia, transformaram os cenários da Paixão de Cristo (encenação religiosa que fazia parte do Calendário de Eventos da cidade), em vários palcos e espaços recriados criativamente pelos artistas do movimento para receberem as mais variadas linguagens artísticas e manifestações, como hip-hop, capoeira, grupos de danças, bois mirins, bois em miniaturas, humoristas, transformistas, skate, bike, bandas de rock, Boi Bumbá, Reggae, mostra de cinema, artes plásticas, fotografia, etc. Esse pioneiro evento mobilizou e encantou um grande público e

provocou mudanças na forma de abordagem policial e entrou para o calendário de eventos do município no ano seguinte.

GRITO DA PERIFERIA VIRTUAL

Com o tema “Somos a voz que nos defende”, o Instituto Cultural Ajuri (INCA) realizará o “Grito da Periferia Virtual”, projeto premiado em edital municipal da Lei Aldir Blanc. Trata-se de uma Live Show que contará com a participação de inúmeras atrações locais e convidadas. Uma das grandes novidades dessa edição será o lançamento da revista “Parintins, Cultura e Diversidade”, publicação em formato e-book que busca registrar, divulgar e promover as produções criativas e as histórias de artistas, grupos, entidades e personalidades culturais, além de apresentar propostas de políticas públicas voltadas para a cultura e juventude.

Texto: Marcos Moura

Fotos: Nande Silva

assista o Grito da Periferia Virtual 2020.

<https://youtu.be/qmA1WwgtA5k>

Artistas de Parintins, Manaus, São Paulo, Bahia e Venezuela celebram Grito da Periferia

14 de outubro de 2019









A MUSICALIDADE AMAZÔNICA DO GRUPO AJURI

O Grupo Ajuri foi fundado em 1984 na cidade de Parintins (AM) pelo artista Tony Medeiros. Um ano depois de sua fundação sagrou-se campeão do Festival da Canção de Parintins com a música “Cantiga Tropical”, de autoria de seu fundador e cantor principal. Além de Tony, que ficou no grupo até 1997, passaram pelo Ajuri muitos outros artistas de destaque, como Paulinho Du Sagrado, Mailson Mendes, Alex Pontes, Silvio Camaleão, Enéas Faria, Enéas Dias, Clodoaldo Santos, Dé Monteverde, Bené Menezes, Tárzia Brelaz, Karla Kelcy e Keyth Andrade. Além dos “levantadores de toadas”, Sebastião Júnior (Boi Garantido) e Patrick Araújo (Boi Caprichoso), dentre outros.



As produções do grupo abrangem a música e as artes cênicas e destacam manifestações de povos e comunidades tradicionais amazônicas (indígenas, ribeirinhas e quilombolas). Seu repertório, dirigido por experientes músicos como Mário de Andrade, Marcos Moura, Chystian



Bulcão e Cory Pontes, contempla as mais belas toadas de Boi Bumbá, ao lado de rituais indígenas e outros ritmos de manifestações regionais amazônicas como o Carimbó, Marabaixo, Gambá, Marujada, Cordões de Pássaros e Pastorinhas Natalinas.

Foi o primeiro grupo de música regional do Amazonas a participar de turnês internacionais, tendo realizado shows em países como a França, Itália, Suíça, EUA e Venezuela, além de apresentações em diversos estados brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Rio Grande do Norte, Pará, Amapá e Maranhão.

O grupo também se dedica a pesquisas musicais, projetos sociais e outras ações e projetos voltados para o resgate, valorização e divulgação da cultura popular amazônica, envolvendo jovens, estudantes e mestres populares. Tais ações e projetos são realizadas através do Instituto Cultural Ajuri (INCA). Um desses projetos é a Escola Afro-Amazônica, onde os arte-educadores do grupo atuam realizando shows didáticos de temáticas negra e indígena. Para a realização do Projeto Escola Afro-Amazônica o grupo produziu seu terceiro e mais recente trabalho, o álbum “Amazônia Afro-Ameríndia”, uma produção musical com 12 faixas, contendo cantos e contos africanos, indígenas e de comunidades quilombolas e ribeirinhas da Amazônia, além de canções autorais de compositores do grupo e de mestres populares convidados. O álbum “Amazônia Afro-Ameríndia” é um dos materiais didáticos do Projeto Escola Afro-Amazônica, que recebeu apoio do Governo do Amazonas, através de Emenda Parlamentar de autoria da Deputada Estadual Alessandra Campelo, uma grande incentivadora da cultura amazonense.



Esse trabalho musical produzido e gravado por músicos arte-educadores do Grupo Ajuri é fruto de pesquisa, fundamentação, inspiração e transpiração, movidas pelo amor a cultura amazônica e pelo compromisso com uma educação libertadora e antirracista.

Contatos: parintinsinstitutoajuri@gmail.com



Texto: Marcos Moura

Fotos: Eduardo Melo e Nande Silva

Link Spotify do álbum “Amazônia Afro-Ameríndia” gravado pelo Grupo Ajuri

https://open.spotify.com/album/3Y74xwUqnIBEdo4yCdHfi?si=6iahFhMOSbCn9QFGOHR0Pg&utm_source=whatsapp





COLETIVO DE MULHERES ARTISTAS DE PARINTINS - TAMO JUNTAS



O Coletivo de Mulheres Artistas de Parintins Tamo Juntas – TMJ iniciou suas atividades no dia 09 de outubro de 2018, partindo da iniciativa da Artista Visual e B.girl Nita Paes, que propôs a organização das mulheres da cena do Hip Hop enquanto coletivo. O projeto era voltado para as b.girls e teve uma boa aceitação de jovens dançarinas praticantes da cultura. Com o objetivo de possibilitar maior visibilidade do gênero feminino dentro do cenário da cultura Hip-Hop parintinense, houve a necessidade de promover uma ação da qual as mesmas fossem protagonistas.

Em três meses de trabalho foi realizado pelo Coletivo na Praça dos Bois, o primeiro evento de mulheres do Hip Hop em Parintins, a “Battle of B.girls Tamo Junta” que veio sob muitas dificuldades, mas foi possível com apoio de amigos e simpatizantes.

O Coletivo apresenta shows mostrando seus trabalhos dentro da cultura Hip Hop na cidade de Parintins e através de suas integrantes, já

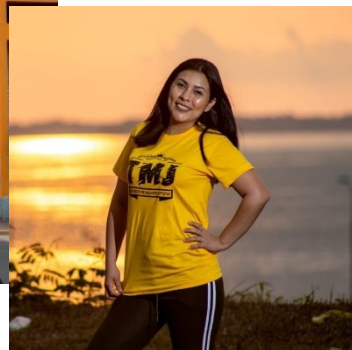
participou de competições em outros municípios e na capital Manaus, onde uma das b.girls ficou em segundo lugar na eliminatória da maior competição de Hip Hop do mundo, a Red Bull BC One. Com a troca de conhecimentos entre as integrantes, a iniciativa tem se ampliado de forma indispensável para o fortalecimento do coletivo, proporcionando conhecer e integrar mulheres das mais variadas expressões artísticas, com o objetivo de valorizar, fomentar e destacar a importância das contribuições da Mulher para o desenvolvimento artístico e cultural da Cidade de Parintins.

Atualmente, o Coletivo Tamo Juntas integra mais de 30 mulheres entre adultas, jovens e crianças. Seus projetos são voltados a inserção da mulher em todas as formas de arte, seja na dança, nas artes visuais e plásticas.

Texto: Nita Paes e Tássia Dias

Fotos: Eduardo Melo e Expedito Calisto

Link: <https://www.facebook.com/TaMoJuntasPinOficial/>





BURITI, ARTES E QUADRINHOS DE PARINTINS

O Estúdio Buriti Artes e Quadrinhos de Parintins tem como objetivo resgatar memórias, fortalecer a identidade cultural e histórica de Parintins. Representa por meio da arte, o cotidiano, figuras



típicas regional como o canoeiro e a tacacazeira, e as histórias que os avós contavam. Busca resgatar relatos, aventuras, sonhos escondidos nas memórias do nosso povo. Manifestar o vocabulário regional, cores e costumes através da arte dos murais, quadrinhos, dança e outras linguagens artísticas, respeitando o processo artístico e a identidade visual.





O Estúdio BURITI é coordenado pelo artista visual e quadrinhista Levi Gama e pela intérprete e roteirista Rafa Pimentel. O Estúdio tem 3 anos de atuação na cidade, dando início aos trabalhos por meio de uma intervenção de caricaturas, e com o lançamento da revista Caturama e a Ilha dos Mistérios no Projeto Grito da Periferia, realizado pelo Instituto Cultural Ajuri - INCA. Lançaram, também, o Zine Teçá e o pássaro do papo negro em Manaus no dia 30 de janeiro, dia do quadrinho nacional.

O artista Levi Gama, participou de uma exposição na galeria do Largo intitulado "Mitos da Amazônia", atualmente participa de quadrinhos em Manaus com o Contos do Mato I e II do artista Gusmão, outro lançamento é "39° MAO" do artista Romahs Mascarenhas. Lançaram o primeiro livro ilustrado do Estúdio Buriti "Tucumã: uma vida em quatro patas" pela roteirista, Rafa Pimentel; desenhista, Kedson Oliveira; arte-finalista, Diego Costa; colorista, Ananda Cid e co-roteirista, Joneuber Vasconcelos.

No presente momento, o Estúdio está se expandindo para outras manifestações artísticas, um exemplo disso é o " Grafismo Indígena Sateré-Mawé", primeiro mural em Alto relevo do Estúdio BURITI, localizado no mural da escola Tomaszinho Meirelles, tendo como organizadores: Idevan, Rafa Pimentel e Levi Gama e os artistas Adval Bitencourt e Denildo. Outro projeto foi o mural "Boriwi – Mundo dos Falecidos", uma homenagem aos indígenas que, infelizmente, faleceram da Covid – 19. Esse trabalho foi realizado na Escola Dom Gino pelo artista e desenhista Levi Gama e colorizado por Ananda Cid. I CONCURSO DE TIRINHAS intitulado "Isolamento em tempos de pandemia: consequências criação e artes, é mais novo projeto Estúdio Buriti. Composto por artistas visuais, desenhistas,

ilustradores, quadrinhistas, roteiristas e arte-educadores que são formados pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam).

Texto: Rafa Pimentel

Fotos: Sther Alexia e Eduardo Melo

Link: [www.Instagram.com/buritiartes](https://www.instagram.com/buritiartes)





FESTIVAL AFRO-AMAZÔNICO

O Festival Afro-Amazônico é um projeto sociocultural de artes integradas voltado para a promoção da identidade cultural brasileira, a partir das contribuições indígena, negra e ribeirinha. Através de diferentes ações, busca contribuir com a superação da violência, da desigualdade racial, da discriminação cultural e da intolerância religiosa.

A primeira edição do projeto aconteceu entre os dias 12 e 28 de dezembro de 2019 e contemplou apresentações culturais, mostras artísticas, exposições, mostra de trabalhos científicos, palestras, oficinas e concurso de dança popular.

Além de mestres populares e artistas envolvidos, destacaram-se as participações do Coletivo de Mulheres Artistas de Parintins -TMJ; Buriti, Artes e Quadrinhos de Parintins; Associação de Arte-Educadores de Parintins; Cia. de Dança Garantido Show; Grupo Ajuri; James Rios; Cia. de Dança Caprichoso (CDC); Grupos de Capoeira; Pastorinhas Natalinas; Grupo de Dança Performance; religiosos de matriz africana (Umbanda e Candomblé) e os grupos de dança Boroja e Wira Parintintin.



A primeira edição projeto foi uma realização do Instituto Manaós em parceria com o Instituto Cultural Ajuri (INCA) e teve o apoio do Governo do Amazonas, através de Emenda Parlamentar de autoria da deputada estadual Alessandra Campêlo.

A segunda edição do Festival Afro-Amazônico foi realizada em formato virtual em 2020, por conta da Pandemia do Covid-19. E como forma de aliviar os impactos da Pandemia em comunidades indígenas, o Instituto Ajuri mobilizou parceiros, lideranças e artistas de várias partes do Brasil a participarem da Live Show “Festival Afro-Amazônico Virtual” em apoio a Campanha Amazônia Contra o Covid, organizada dos professores da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Essa importante e solidária campanha conseguiu destinar ajuda emergencial aos povos indígenas do Amazonas durante meses.

O Festival Afro-Amazônico é um projeto do Instituto Cultural Ajuri (INCA) idealizado pelo produtor cultural Marcos Moura, realizado com efetiva contribuição do Movimento Grito da Periferia e parceiros. Esse importante projeto cultural terá sua terceira edição em dezembro de 2021.

Texto: Marcos Moura

Fotos: Nande Silva

Link: <https://youtu.be/RtstTWJBQpw>







BOI MIRIM ESTRELINHA

HISTÓRICO DO BOI MIRIM ESTRELINHA



A brincadeira de boi-bumbá estende-se muito além de Garantido e Caprichoso, existem os bois em miniaturas e os bois mirins da qual faz parte o Boi Mirim Estrelinha. Integram o grupo que abre o Festival Folclórico de Parintins, que ocorre uma semana antes das apresentações de Garantido e Caprichoso. Trabalham com um universo de 350 crianças e adolescentes que integram os grupos que utilizam a arena para a disputa, dentre eles: tribos, vaqueirada, vestidos típicos regionais, batucada, corpo cênico/teatral, etc. todos anos se preparam para disputar no festival onde defendem com garra e determinação o boi e as cores verde e branco.

O boi mirim nasceu a partir da ideia de um jovem chamado Hudson Carmo, que na época, por conta da pouca idade, era impedido de brincar boi

nos currais de Garantido e Caprichoso. Foi então, que resolveu criar um boi para brincar com seus irmãos e vizinhos próximos. Nascia ali o boi Estrela, feito de saca de fibra e lata de óleo de cozinha desenhando a cabeça. O tempo passou e o boi mirim hoje tem 39 anos de existência. De valorização da cultura inserindo às crianças e adolescentes no mundo da arte que é de fato, um caminho que transforma vidas.

O trabalho social que desempenham com crianças e adolescentes, é importantíssimo, e torna-se um tipo base preparatória de brincantes e itens dos famosos bois Garantido e Caprichoso. É importante frisar que itens consagrados dos bois acima mencionados, tiveram seus inícios nos bois mirins, como é o caso da ex-Rainha do Folclore Brenna Dianná, da ex-Porta Estandarte Karla Thayná.

Texto: Renner Ramos

Fotos: Arquivo da Associação Folclórica Boi Bumba Mirim Estrelinha

Link: <https://www.facebook.com/BoiDeSaoBene/>





O ROCK ETNICO DA BANDA KOHVA

Kohva é um projeto étnico-músico-social, fundado em 2017 na cidade de Parintins, interior do Amazonas. Com o objetivo de destacar e defender o valor e importância da cultura indígena dentro do ambiente social contemporâneo, trabalham-se conceitos em som e grafia: em Satere Maue, kohva't significa isto/isso/este/, segundo Lourival Satere. Em português, provém do fonema “cova”, remetendo ao significado de buraco, utilizado para fins de semeadura e enterro, em uma interpretação de constante renascença, onde o chão serve de base para relações transformadoras da matéria – corpo/adubo; semente/árvore – em manutenção do ciclo da vida a renovar-se.



Em 2019, foi lançado o primeiro trabalho intitulado “Balas e Flechas”, contando com 9 faixas, disponíveis no YouTube. Em abril deste ano, lançou o álbum denominado “Resíduo da Alma”, que contém 10 faixas, e está disponível em todas as plataformas de streaming.

Embasados no conceito de descolonização do pensar e quebra do ideal romantizado da história brasileira, os álbuns unem os subgêneros do metal extremo com a cultura indígena, em uma aura ritualística em conjunto com a semiótica sonora, remetente à etnicidade tradicional.

O projeto Kohva participou nos eventos: Movimento Cultural Grito da Periferia; Festival Estadual de Cultura Pirão Fest Amazonas; Festival Nacional de Bandas Independentes “Festival Inferno” – festival bimestral que reúne bandas a nível nacional. E em casas de shows renomadas do cenário underground de Manaus, como o Bar do Cabelo e o Bar do Braga.

Texto: Aury Lenno, Luciano Ribeiro e Vitor Martins

Fotos: Arquivo do Projeto Kohva.

Link de apresentação do KOVHA:

https://youtu.be/nH4A1F5_HUg





AS LINHAS ANCESTRAIS DE AURY LENNO, O DESENHO COMO ARTE DECOLONIAL

O projeto linhas ancestrais é uma proposta de desconstrução de imagens produzidas a partir da investigação da etnicidade, afim de realizar uma quebra imagética da narrativa do mito de Iracema, para mostrar um cenário preto e branco, longe do imaginário fantasioso acerca do período colonial. E propõe uma estética feita em sombras e linhas para comunicar formas e contornos não estereotipados do cotidiano local.

A personagem não possui nome, rosto ou identidade, mostrado apenas em linhas sem cor, porém com definição e com um rastro em contraste, deixado nas entrelinhas do pensamento daquelas que de alguma forma, viram ou ouviram a realidade do homem originário do Brasil. Em um país, resultado de uma colônia de exploração dos recursos naturais, com educação precária e registros históricos tendenciosos a favor do colonizador, a população construiu pensamentos de negação dos valores de sua ancestralidade imersos no desejo de fazer parte de uma raça favorecida, por inversão de valores. O brasileiro descredibiliza suas origens não-brancas para estar do lado “vencedor” da história.

PROCESSO CRIATIVO – METODOLOGIA

O desenho em linhas, é a técnica utilizada para produzir as 10 obras, compostas a partir de um processo investigativo de uma cena, conversa, imagem, fala e/ou situação cotidiana com teor étnico-social-indígena. A linha de pensamento que percorre o dia ou tempo suficiente para gerar uma ideia, advém em formato de uma frase curta, que leva a iniciar uma nova reflexão, com argumentos firmes e determinados, culminando em apenas um verso

ou um poema. A leitura deste poema, traz uma análise iconográfica, onde nascem signos semióticos que, portanto, são os elementos que compõem as obras.

O projeto se desenvolve a partir das seguintes fases: processo criativo, produção das obras, organização, publicação e lançamento do catálogo.

Texto: Aury Lenno.

Fotos: Adailton Barros.

Link: <https://www.facebook.com/Linhaancestral/?ti=as>





PASTORINHAS NATALINAS, PATRIMÔNIO CULTURAL DO AMAZONAS



A tradição das Pastorinhas Natalinas virou Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Amazonas, conforme determina a Lei 5.066/2020, de autoria da Deputada Estadual Alessandra Campêlo.

As Pastorinhas e os Pastorais, umas das mais expressivas manifestações do folclore religioso, foi implantada no Brasil por volta do século XVI pelos portugueses e se espalhou por todas as regiões do país, com características próprias em cada uma delas. Inicialmente a tradição era coordenada pelas igrejas católicas espalhadas nas cidades, depois passou a ser preservada principalmente pelas próprias comunidades, através de

mestres e mestras populares, perpetuando a manifestação folclórica que celebra o nascimento do Menino Jesus e a própria cultura do Natal.

No Amazonas, a tradição das Pastorinhas continua viva, sendo muito forte em municípios como Parintins (a 369 km de Manaus), onde existem dezenas grupos. Parte deles filiados à Associação das Pastorinhas de Parintins.

O projeto de Alessandra foi idealizado a partir da demanda do Instituto Cultural Ajuri (INCA), organização não governamental voltada para a promoção do desenvolvimento sociocultural de crianças, adolescentes e jovens da Amazônia.



Segundo o coordenador do Inca, Marcos Moura, a aprovação do projeto da deputada é um marco na história da cultura amazonense. “Com a aprovação dessa lei, a Pastorinhas, Pastorais e Pastoris do Amazonas



terão a garantia legal de serem salvaguardadas pelo Estado por meio das políticas públicas de cultura”, comentou Moura, completando: “As Pastorinhas natalinas, são herança cultural lusitana que se integrou à cultura popular brasileira, atravessando séculos de resistência com a força de sua tradição. Fé que se tornou folclore celebrando o nascimento de Cristo, influenciando sucessivas gerações com a cultura da paz, valor importantíssimo para a superação da violência e da intolerância típicas da sociedade contemporânea”.

Para a deputada, a aprovação do projeto representa um avanço no reconhecimento das manifestações culturais populares no Estado. “Vai ser mantida uma tradição de mais de três séculos e estou muito feliz por contribuir com a cultura do Amazonas, por contribuir com a manifestação cultural das Pastorinhas que uma apresentação muito bonita para quem já teve a oportunidade de assistir, é algo que remete às nossas raízes”, concluiu Alessandra, que também é autora de outras Leis de apoio a cultura de amazonense, que reconhecem a Toada de Boi Bumbá, a Festa de Nossa Senhora do Carmo de Parintins, o Festival de Cirandas de Manacapuru e a Capoeira como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Amazonas.

Texto: Emanuel Siqueira

Fotos: Emanuel Siqueira, Eduardo Melo e Nande Silva

Link: <https://difusaocultparintins.com>



Deputada Estadual Alessandra Campelo, autora da Lei que tornou a Pastorinha Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Amazonas.





COLETIVO DE ARTISTAS ESTUDANTES DE PARINTINS - ÁRTRUA

O Coletivo de Artistas Estudantes de Parintins - ÁRTRUA une estudantes de escolas estaduais e municipais com o objetivo de transformar o espaço público em lugar de apreciação artística através das linguagens do muralismo e street art.

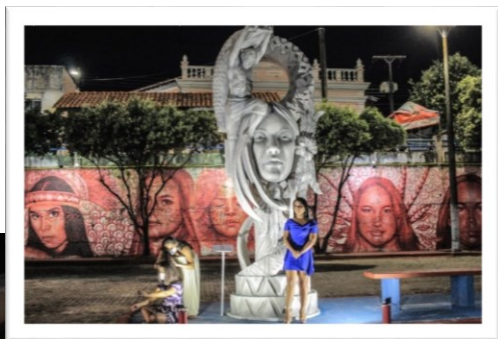
O ÁRTRUA nasceu em 2014 no Colégio Batista de Parintins, promovendo Exposições de Arte Anuais, Oficinas e Cursos Gratuitos com o objetivo de transformar o espaço público em lugar de apreciação artística. Hoje o Grupo se expandiu agregando ao movimento, talentosos estudantes da rede pública estadual, tendo em seu histórico a idealização, criação e execução dos projetos Letreiro – Eu amo Parintins, Muralismo em Parintins – Memorial das Artes, Monumentos Artísticos em Parintins e Estampas Artesanais em camisetas para Adolescentes. Seu fundador e diretor geral é o renomado artista Miguel Carneiro dos Santos, que é Graduado em Licenciatura em Artes Visuais - UFAM/Parintins. Artista Visual, Escultor, Desenhista, Modelador, Ceramista, Cenógrafo, Alegorista.

Texto: Miguel Carneiro

Fotos: Pedro Coelho

Link: <https://www.facebook.com/104815991593434/videos/780326322594202/>







PELA INSTITUCIONALIZAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DO SISTEMA MUNICIPAL DE CULTURA DE PARINTINS

O Município de Parintins, cidade criativa que através da visibilidade de seu Festival, promove a identidade cultural da região amazônica, reúne todas as condições para desenvolver uma gestão cultural com eficiência e eficácia. Para tanto, precisa corrigir algumas limitações que atrasam seu pleno desenvolvimento cultural e adotar uma nova postura em sua gestão cultural, buscando através da institucionalização e implementação do Sistema Municipal de Cultura (SMC) o cumprimento do Plano Nacional de Cultura (PNC) com uma gestão criativa, transversal e democrática, ligada a um projeto de desenvolvimento socioeconômico, ecológico e sustentável.

Nossa famosa Parintins, assim como muitas cidades brasileiras, não possui uma política cultural baseada no Sistema Nacional de Cultura (SNC), conforme determina a Lei Federal 12.345/ 2010, que institui o Plano Nacional de Cultura (PNC). É preciso que a cidade tenha o chamado “CPF”: Conselho, Plano e Fundo de Cultura, construir uma gestão cultural transversal e democrática com a institucionalização e implementação do Sistema Municipal de Cultura de Parintins, que prevê a criação do “CPF” e outras importantes políticas de Estado que são estruturantes.

Os desafios contemporâneos da função exercida pelo gestor cultural e a complexidade da cultura em seus aspectos simbólicos, econômicos e políticos demandam uma competência reflexiva, crítica e prática.



Precisamos juntos, governo e sociedade civil, construir caminhos que nos levem além do Calendário de Eventos e da merecida atenção ao Festival Folclórico, principal vetor econômico do município, compreendendo que a cultura não se resume às linguagens artísticas e que fomentar a cultura e a economia criativa não deve ser responsabilidade específica de um setor governamental, deve estar nas diretrizes gerais do governo e integrada a todas as áreas de atuação do Estado.

A cultura é central para as práticas e reflexões da gestão pública, assim como para os processos vitais: da habitação à segurança alimentar, da educação ao exercício da cidadania, do transporte à cultura da paz.

Destacamos a importância da imediata adesão do município de Parintins ao Sistema Nacional de Cultura (SNC) com institucionalização e implementação do Sistema Municipal de Cultura (SMC), para que possa acessar os recursos e as informações necessárias para a otimização dos resultados de sua gestão cultural, em articulação integrada e colaborativa com outros entes federativos.

Texto: Marcos Moura

Foto: Paulo Neves





TAMBORES DA TERRA, UMA INTERVENÇÃO MÚSICO-VISUAL

Licenciado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Glaedson Azevedo atua nas artes plásticas, artes digitais e na música. Possui trabalhos em território nacional. Em sua trajetória, assina o pioneirismo de realizar a primeira exposição de Pintura



de Digital em Parintins realizada pelo projeto Puxirum Mostra de Artes Integradas. Ainda no segmento do ineditismo, o artista, assina a primeira instalação e performance realizada pelo projeto Amazônia Oriental, participação como designer gráfico no projeto “Letreiro de Parintins” entre outros. E como produtor cultural apresenta o projeto Tambores da Terra – intervenção musico-visual, um show de percussão onde apresenta as linguagens artísticas em uma única

performance.

O projeto Tambores da terra – Intervenção Músico-Visual tem por objetivo realizar uma intervenção artística que reúne percussão e pintura

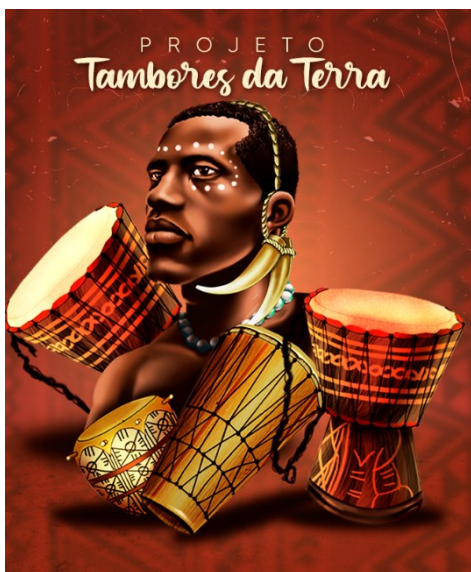


digital, resultantes de processos de criação embasados na pesquisa histórica de instrumentos, sons, imagens e ancestralidade dos ritmos de matriz africana. O instrumento base é o tambor, que pode ou não, se relacionar com outros instrumentos percussivos. A pesquisa é norteada por esse instrumento que tem uma história rica desde sua confecção até sua utilização em várias práticas culturais e por estar fortemente ligado a ancestralidade.

A outra linguagem utilizada nesta proposta é a pintura digital que consiste em uma técnica de ilustração, ou pintura, que em vez de usar os meios tradicionais, utiliza um ambiente computacional. Dentro de Parintins, esta técnica é desenvolvida pelo artista Glaedson Azevedo, proponente desta iniciativa e destaca as oportunidades geradas pela pintura digital: - Enquanto artista visual, tenho visto grandes oportunidades na pintura digital, tanto nas criações das obras e variações de estilos, temáticas, quanto nas suas aplicações que variam no: impresso, nas projeções em muros e paredes, na edição fotográfica e até mesmo na arte performática como cores luz”. (AZEVEDO, 2020) O mundo passa por um processo de reorganização e ressignificação de valores estéticos, sociais, sonoros. Não diferente o universo de produção artística se reinventa em novas formas de produção e exposição.

Texto: Irian Butel

Link: https://m.facebook.com/tamboresdaterrapin/?_rdr





CHAMAS DE ESPERANÇAMENTOS IN MEMORIAM

Imagina-te como uma parteira. Acompanhas o nascimento de alguém, sem exibição ou espalhafato. Tua tarefa é facilitar o que está acontecendo. Se deves assumir o comando, fazê-lo de tal modo que auxilies a mãe e deixes que ela continue livre e responsável. Quando nascer a criança, a mãe dirá com razão: nós duas realizamos este trabalho. (Lao-Tsé. Séc. V a.C)

A casa de número 397, Rua Nações Unidas, na cidade de Parintins/AM, abrigara um acervo de cuidados popular/tradicionais em saúde cujo reconhecimento à significação político histórica para o contexto das Práticas Integrativas e Complementares do Sistema Único de Saúde (PICS), dedico parte de meu tempo e de meus compromissos militantes no rascunho destas páginas. É a chama do esperançamento ativa em minha prática socioeducativa instigando-me compartilhar com outros/as um dos últimos acenos de nossa ancestralidade caboca.

O preâmbulo faz jus à personagem em destaque, a Parteira Tradicional - Dona Marina Assunção de Almeida: os quase cem anos somados em sua existência não afetaram a lucidez; não turvaram o brilho do olhar, tampouco o calor entusiástico quando é provocada a compartilhar as memórias de Dona Marina, a Parteira.

O calor da tarde daquele domingo inflamava meus ânimos a absorver fragmentos da sabedoria de Dona Marina. O sol em brasa sobre a Ilha Tupinambarana nos teimoseava reagir às iniquidades institucionais



sobre as ameaças à saúde pública advindas dos altos índices de contaminação da rede pública de água e esgoto; da negligência à coleta seletiva; ao abandono e maus tratos de animais em via pública; ao silêncio morno sobre os saberes popular/tradicionais em saúde; enfim, ao desmonte sutil do SUS... Sabia que o acolhimento e amorosidade da Preta Dona Marina, chegariam até mim

como gotículas preciosas para saciar nossa sede de interlocuções libertárias - nutrientes para a construção da Justiça Social.

A expectativa daquele encontro não fora em vão... Lá estava a Parteira, aguardando-me no aconchego de sua rede. A dimensão do acolhimento fizera-se visível no sorriso e na ternura das mãos estendidas... Compensada a saudade, pedi permissão para me banhar nas águas de sua sabedoria; além de compensar a sede acumulada.

Demos início ao diálogo a partir de sua descoberta como Parteira:

Mana, tinha vinte anos quando tudo começou. Minha mãe que me ensinou. Mas o primeiro parto que acompanhei fui sozinha. Fui chamada às pressas, numa comunidade muito pobre, pra socorrer uma mulher que já tava há dias com puxo e não conseguia ter o bebê. Aí, me peguei com Deus e falei pra

ela que também pedisse força a Ele. Fiz puxação pra cá, prá lá... Aí, veio um puxo forte e a criança nasceu. Aí eu descobri que o trabalho da parteira tradicional é missão.

Com base neste e noutros fatos semelhantes, reconhece a importância do trabalho da parteira tradicional, principalmente entre as mulheres pobres das comunidades rurais, de difícil acesso, onde não chegam os médicos nem os serviços de saúde. Durante nossa conversa, perderei a conta dos partos a que assisti: Pra mais de duzentos partos acompanhei e todos realizados com sucesso. Nas horas difíceis, Deus é quem guia nossas mãos. Acreditem ou não. Chamam nós de curiosa. Mas é curiosidade que vem de Deus.

Em meio a tantos valores humanos expressados na fala de Dona Marina, a solidariedade está em primeiro lugar na relação





com as mulheres durante todo o trabalho de parto: Mana, a outra mulher que tá parindo é outra de nós. A gente tem que entender isso pra tudo dar certo. Também, às vezes, as mulheres não têm nada pra comer, nada... Aí, a gente leva um pouco do que tem. Só isso já dá uma força pra mulher recuperar logo.

E vai mais além: Onde não tem médico, tem sempre uma parteira. O parto em casa é mais tranquilo pra mulher e até pra família. Em casa ela recebe atenção, carinho, um remédio natural, uma puxação, um alimento pra espertar os puxos... Caribé com pimenta-do-reino é muito bom nessas horas... Tudo isso dá coragem e força. No hospital não tem isso. Às vezes, a mulher pega até esculhambação quando grita ou reclama.

Das experiências como parteira, lembrara um fato, talvez, um dos mais importantes de sua missão: A mulher que atendi era a Izabel, da comunidade do Aninga. Tinha uns vinte anos, acho. Era o terceiro filho. Parto seco. Ajudei daqui, dali e vi que o bebê tava laçado no cordão umbilical. Sentia ele já quase morto, mas conseguiu nascer. (– E agora, Meu Deus!). De repente, veio a luz: pedi uma pimenta malagueta, misgalhei bem e coloquei uma gotinha com a ponta do meu dedo no céu da boca do bebê. Aí, ele deu uma mexidinha no pé, deu um suspiro e começou a chorar... Chorei junto com ele. Hoje, taí. Uma mulherona de vinte e nove anos.

Texto: Fátima Guedes

Fotos: Floriano Lins

Acesse o artigo completo em:

<https://www.amazonamazonia.com.br/author/fatima-guedes/>



CULTURA RELIGIOSA: O RITUAL DE RECOMENDAÇÃO DAS ALMAS EM PARINTINS

A Recomendação das Almas é um ritual religioso, que está relacionada às práticas católicas da Europa durante a Idade Média, mas que atualmente, ainda é encontrada entre as práticas no catolicismo popular em várias regiões do Brasil. O ato de encomendar ou rezar para as almas é uma prática de fé trazida pelos colonizadores portugueses. Atualmente é encontrada dispersa pelo Brasil de forma bastante similar ao modo como a manifestação ocorre em Portugal.



Em Parintins o ritual de Recomendação das Almas acontece durante a semana santa (quarta, quinta e sexta), partir das 18h, trajados de seus uniformes (camisa branca, calça preta e com um manto sobre a cabeça). Com um sino em suas mãos, o Padre, como é chamado pelos recomendadores, vai até o cemitério e toca a sineta, sinal que segundo eles, serve para chamar as almas dos falecidos que estão no cemitério para dar início a procissão dos mortos.

Eles seguem a caminhada segurando velas acesas em direção às residências de familiares, amigos ou a quem solicita suas orações, logo iniciam as ladainhas, cantam os sete benditos e a cada bendito são oferecidos um Pai Nosso e uma Ave Maria. A vela é um símbolo importante no ritual, pois há um rezador específico em cada grupo que é responsável por colocar e acender esse objeto ao pé do cruzeiro e na porta das casas. O papel desse integrante, além de rezar, é carregar as velas e o isqueiro nas noites de ritual. Ela teria a função de representar a luz para as almas dos mortos.



Após os rezadores concluírem sua penitência, retornam ao cemitério a meia-noite da sexta-feira santa para devolver as almas e assim encerrar o ritual.



O aposentado Alberto de Oliveira, Recomendador de almas em Parintins, explica que o ritual acontece em feriados católicos como na semana santa e dia de finados, orações e ladainhas são ofertadas às almas para elas encontrarem seu caminho. As vestimentas são importantes para o andamento da cerimônia: camisa branca, calça preta e uma toalha branca sobre a cabeça. Segundo seu Alberto “o branco significa a paz e os mortos se enterram de branco.”

O aposentado ressalta que a toalha branca sob a cabeça é indispensável, pois ela evita que se possam visualizar os espíritos que estejam em volta, mantendo a concentração nas orações para não sofrer ataques de almas, já que elas agriem as pessoas desavisadas que não respeitam o bom andamento da recomendação.

“A toalha branca que usamos na cabeça, é um gesto de respeito, a gente faz aquilo por que gente não quer ver remorso pra nem um lado, a gente põe a toalha branca só espiando para a frente para a pessoa que tá com cristo com a vela acesa. Olhamos somente pra aquilo, então é um tipo de respeito e consideração no momento que estamos fazendo isso”, afirma Alberto.



Os rituais realizados em Parintins priorizam as orações católicas durante o processo de recomendação, são recitadas sete orações do pai é nosso e mais sete ladainhas com letras que tratam de morte e ressurreição. A Recomendação das Almas é também um gesto de relembrar dos entes queridos já falecidos como partes importantes de suas vidas. No dia 2 de novembro, o feriado católico conhecido como “dia de finados”, é a data de se lembrar destes entes, homenageando seus túmulos com flores e velas, um gesto de amor realizado anualmente. É por meio de cânticos e orações que eles recomendam as almas dos mortos, pedindo perdão por seus pecados e para que a família dos falecidos se sinta bem em relação ao destino final das almas.

Texto: Helon Coelho e Yandrei Farias

Fotos: Yandrei Farias

Link do Resumo do trabalho:

<https://portalintercom.org.br/anais/norte2019/resumos/R64-0279-1.pdf>

Link do Documentário: <https://www.youtube.com/watch?v=024OjULAj2o>





FOTOGRAFIA: A ARTE DE LUZ E SOMBRA DE EDUARDO MELO

A fotografia é uma das artes que registra muito além da imagem capturada, acima de tudo revela o olhar do fotógrafo. Nessa edição vamos conhecer um pouco do trabalho de Eduardo Melo, um talento da nova geração de uma arte feita de luz e sombra.



Eduardo Melo é fotógrafo há 09 anos, seu primeiro contato com a fotografia foi na Campanha “Jesus Água da vida” da primeira Igreja Batista de Parintins. O jovem precisou buscar conhecimento e no Liceu de Artes e Ofícios “Claudio Santoro”, iniciou o curso de Fotografia, ministrado pelo

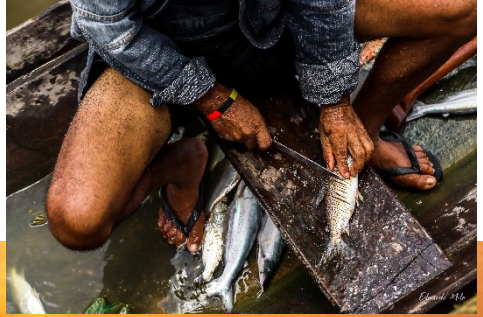
professor e renomado fotógrafo parintinense, Paulo Sicsú, o qual Eduardo considera seu grande mestre na área. No início, Melo fotografava como *hobby* e aos poucos foram surgindo diversos convites para a realização de ensaios fotográficos, eventos como aniversários, casamentos e batizados. Ao longo do tempo, ascendeu profissionalmente e na atualidade o que era apenas um *hobby*, tornou-se a sua profissão. Um jovem fotógrafo apaixonado pelo cotidiano ribeirinho, Melo se encanta pela pureza das crianças, o vai e vem das embarcações, paisagens da região, e o majestoso pôr-do-sol. Com o seu olhar singular, imortaliza e retrata a Amazônia que tanto ama.

Texto: Eduardo Melo

Imagens: Eduardo Melo

Link: <https://www.facebook.com/eduardo.melo.5209000>







PROJETO EXCULTURA – A ARTE AMBIENTAL DE IRAN MARTINS

“EXCULTURA”

Intitulado “Excultura”, o projeto artístico idealizado por Iran Martins foi contemplado pelo programa cultura criativa/Lei Aldir Blanc – prêmio Feliciano Lana, do Governo do Estado do Amazonas - Ministério do Turismo – Secretaria Especial da Cultura, Fundo nacional da cultura. Este programa, em 2020 selecionou projetos/propostas/iniciativas, inéditas ou não, nas mais diversas manifestações e atividades artístico-culturais e de economia criativa e solidária de forma virtual ou presencial no Estado do Amazonas.



O artista plástico Iran Martins, nascido no ano de 1982, no Município de Parintins - AM, licenciado em 2019 em Artes Visuais pela UFAM - Universidade Federal do Amazonas, atua nas áreas de desenho, escultura, pintura, manifestações folclóricas e produção cultural há mais de



vinte anos. Participou de diversos concursos, por exemplo, o Concurso de Telas para a escolha de cartaz do Festival Folclórico de Parintins, sendo campeão nos anos de 2003, 2005 e 2018. A proposta trata-se de uma iniciativa inédita com o objetivo de construir esculturas com aproximadamente 5 metros de altura podendo chegar a 15 metros de comprimento utilizando materiais recicláveis/reaproveitáveis, tendo como poética o nosso imaginário amazônico, sendo que as obras estão expostas em diferentes locais da cidade de Parintins que foram determinados pela quantidade de resíduos coletados na área, diferente das alegorias efêmeras do festival de Parintins, expostas somente no festival dos bois, por alguns minutos e logo são desmontadas, sem agregação maior de valor como obra de arte, passando a gerar de suas partes descartadas resíduos sólidos nocivos ao meio ambiente.





Por sua vez, a iniciativa visa conscientizar a população por meio da arte agregando uma reflexão sobre preservação, a partir dos contos e lendas intrínsecos aos personagens folclóricos que protegem a natureza. O projeto usa da reciclagem/reutilização como matéria prima, principalmente o lixo doméstico e rejeitos que foram descartados pelas agremiações bovinas. Desse modo, transforma materiais de longa duração em obras de arte, incentivando a produção artística sustentável, contando com os serviços de 19 artistas locais para a confecção das obras, consequentemente contribuindo com a renda de artistas de nossa terra. Além de impulsionar o turismo, tendo em vista o grande número de turistas que a cidade recebe anualmente, fortalecendo o comércio do município.

Iranilson Martins retrata sobre a poética de seu objeto de trabalho: *“Em meu fazer artístico trago a poética das realidades sociais, traduzidas pela maneira de como entendo essas realidades a partir de minhas experiências cotidianas buscando grandes mestres do passado como Miguel Angelo e Caravaggio e o mais contemporâneo Vick Munis por seus experimentos com materiais reaproveitáveis. Em meu processo e realização de trabalhos artísticos, dialogo com diferentes linguagens e estilos nas artes visuais. Como amazônida, preservo a essência da cultura e do imaginário caboclo nas obras que produzo. Utilizo diferentes suportes como telas, isopor, papel, tecidos e adereços para confecção de fantasias e materiais recicláveis/reaproveitáveis como vidro, metal, plástico, papelão, madeira e outros.”*

As obras de arte estão expostas na cidade de Parintins-AM, em espaços determinados pela organização do projeto e cedidos pela Prefeitura Municipal de Parintins.

Texto: Emily Teixeira Cruz

Fotos: Justino Guimarães e Lilian Santos

Link: <https://www.facebook.com/Projeto-excultura-104316668299957/>





PROJETO ARTE DE CURUMIM, A ARTE SOCIAL DE GLAUCIVAN SILVA

O Projeto Cultural “Arte de Curumim” visa realizar uma Oficina de Pintura em Tela, com o objetivo de despertar e desenvolver o conhecimento artístico em crianças de 8 a 14 anos, moradoras de comunidades socialmente vulneráveis da cidade de Parintins (AM). As ações do projeto foram realizadas entre os meses de março e abril de 2021 e atenderam gratuitamente 10 crianças, seguindo as resoluções e protocolos de segurança em saúde em prevenção ao Covid-19. O proponente do projeto e ministrante da oficina é Glaucivan Silva, artista plástico de larga experiência com trabalhos desenvolvidos no Festival de Parintins, em Manaus e outros estados brasileiros. Como contrapartida será realizada uma exposição aberta ao público na sede do Instituto Cultural Ajuri (INCA) com as telas produzidas pelas crianças participantes do projeto, após a Pandemia do Covid-19.



Texto: Glaucivan Silva

Fotos: Glaucivan Silva

Link: <https://m.facebook.com/groups/parintinsnoticias/permalink/997633547302954/?sfnsn=wiwspwa>

<https://www.parintins.am.leg.br/institucional/noticias/vereadora-marcia-baranda-prestigia-apresentacao-do-projeto-arte-de-curumim>





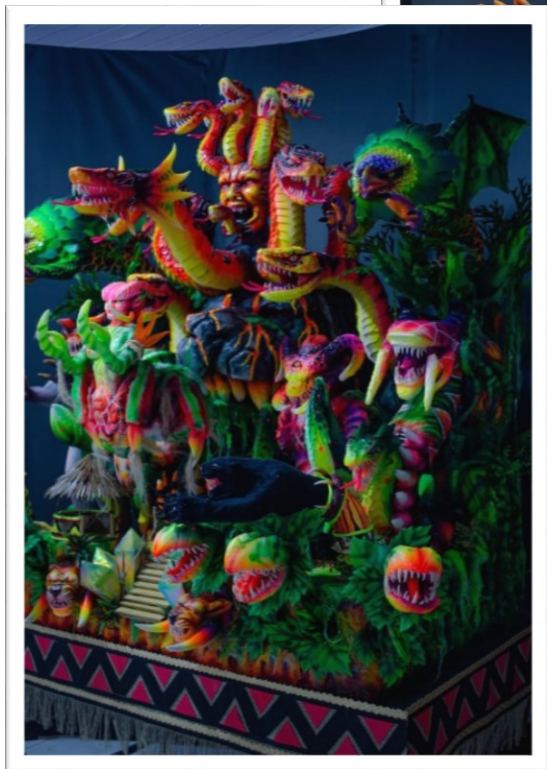
RITUAIS ÍNDIGENAS, DESVENDANDO SEGREDOS ALEGÓRICOS – A ARTE DE MARIALVO BRANDÃO

Considerando a importância do Festival Folclórico de Parintins enquanto vitrine cultural do Estado do Amazonas e seu espetáculo como um dos maiores, de renome mundial, bem como a curiosidade que o processo de criação das alegorias desperta na população, de um modo geral, pretendeu-se realizar uma exposição de maquetes das alegorias de rituais de autoria do artista Marialvo Brandão e equipe.



Obras do Artista Plástico com mais de 30 anos de experiência no Festival de Parintins, que é referência nas alegorias intituladas de Ritual - que são aquelas que compõe o quadro místico do imaginário e cultura

indígena na apresentação folclórica de Boi-Bumbá, ao qual nessa proposta de exposição o artista teve oportunidade de abrir seus arquivos e apresentar a população a confecção de miniaturas das alegorias em técnica tridimensional, seus cadernos de rascunhos, desde a elaboração das plantas e desenhos, as fases de concepção e execução das alegorias, até a concretização das esculturas, devidamente pintadas e com o tão famoso movimento que impressionam o público que assiste o Festival Folclórico de Parintins, de modo a elucidar os expectadores acerca da concepção da alegoria que ele apresenta todos os anos no último fim de semana de junho em Parintins.



Foi um momento de dispor a população um processo que por vezes passa despercebido da grande maioria de apaixonados pelo boi-bumbá, para navegar por essa história do micro a macroestrutura que compõe as alegorias. A exposição além de apresentar o processo de constituição em forma de miniaturas, propôs uma mesa redonda dentro da exposição sobre o processo de criação alegórica com outras artistas convidados, para mobilizar o processo crítico da produção e abrir para população espaço de diálogo sobre essa dinâmica artística. Esse projeto, certamente está dando significativa contribuição a cultura amazonense.

Texto: Rafaela Brandão

Fotos: Yasmim Cadore

Link: <https://www.facebook.com/marialvo.brandao>





CARAVANA AMAZÔNICA

No dia 10 de julho de 2021, foi realizado a Caravana Amazônica, composta por artistas mestres populares, grupos e educadores ligados ao movimento Grito da Periferia e ao Projeto Escola Afro-amazônica, a iniciativa foi uma realização do Instituto Cultural Ajuri (INCA), em parceria com a



associação dos Quilombos do Rio Andirá e a Prefeitura Municipal de Barreira.

A primeira comunidade visitada pela caravana foi Santa Tereza do Matupiri, o maior dos quilombos do Rio Andirá, onde foram realizadas oficinas, palestras, apresentações culturais e distribuição de cestas básicas, além de um importante diálogo com a comunidade.

A programação contou com a participação dos Marujos de São Benedito de Freguesia do Andirá, manifestação quilombola que tem mais de 150 anos, Carimbó, Lundum, Capoeira, Hip-Hop, Dança do Gambá e a Dança Onça-te-pegas, além do show do Grupo Ajuri com a participação especial do Boi Garantido.

A Caravana Amazônica faz parte do movimento “Amazônia Viva” voltado para o desenvolvimento sustentável, socioambiental e cultural de povos e comunidades tradicionais.



Texto: Jordana Bulcão

Fotos: Eduardo Melo

Link: <https://youtu.be/QszOwYmFUUs>



KAPI: UMA LIDERANÇA CLÂNICA SATERÉ MAWÉ

Josias Ferreira de Souza ¹

A característica das sociedades humanas é a mudança. A cada nova geração, novos elementos são incorporados à cultura, isso quer dizer que à cultura é dinâmica. A população indígena a partir do contato teve que se adaptar



abruptamente de qualquer jeito e forçadamente. Assim como aconteceu com os demais ameríndios, o povo Sateré-Mawé também foi alvo desse processo. O capitão, que na língua materna chama-se *Kapi*, é o exemplo de que tudo poderia dar errado se não fossem as habilidades do clã Sateré (*ut*) para lapidá-lo e colocá-lo em defesa do grupo étnico.

As sociedades humanas não são estáticas, mudam de acordo com o contexto, tais identidades e culturas são dinâmicas e sempre estão em

¹ Membro do clã Sateré (Sateré/ut), a mais alta marcação hierárquica para funções de parentesco do povo Sateré-Mawé. Mora na Aldeia de Ponta Alegre, dentro da Terra Indígena Andirá-Marau, localizado no extremo leste do Estado do Amazonas. Graduado em Biologia e Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas. Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas. E-mail: 1.bftmnoph@gmsil.com

construção. KAPI é fruto de uma sociedade transformada por seus sujeitos sociais, que criam e recriam, reinventam suas lutas com objetivo de atender novas demandas que surgem no decorrer da caminhada do povo. A incorporação e a ressignificação de códigos externos à cultura Sateré-Mawé desencadearam a necessidade da população indígena trabalhar seus interesses a partir deles.



A figura de um Kapi entre os Sateré-Mawé representa mais que um líder. Está acima das ordens hierárquicas do grupo étnico. Apesar da denominação de Kapi ser atribuída pelos militares na época da ditadura, sem saber, ratificaram o legado tradicional de um líder Sateré-Mawé, do clã Sateré (ut), junto ao seu povo. Desta forma, o Kapi usufrui dos privilégios que é contada pelos mais velhos sobre a história cosmogônica do grupo

étnico, chamada de mito, que para o povo indígena corresponde a uma história verdadeira.

Enfim, a analogia do velho capitão e ao novo capitão nos remete a essa transição de postura e objetivos que muito bem entende o povo Sateré-Mawé. Aprender com o sistema a se defender, encontrar alternativas para garantir a prática cultural, as tradições e a continuar a viver. Enquanto povos diferenciados, sujeitos sociais, protagonizaram ações próprias para visibilizar seus anseios, demandas e interesses coletivos.

Texto: Josias Ferreira de Souza

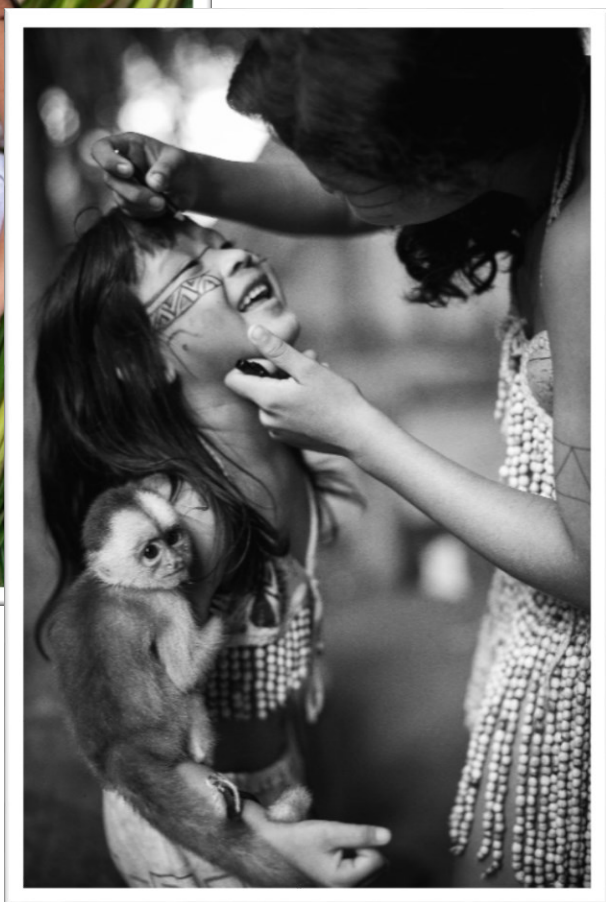
Fotos: Paulo Neves e Marcos Moura

Link:

https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sater%C3%A9_Maw%C3%A9

Link:https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sater%C3%A9_Maw%C3%A9







CURUMIZ – GRAFFITI PARINTINTIN

Curumiz é a tag do duo de Artistas de Parintins formado por Kemerson Freitas, 24 anos e Alziney Pereira, 25 anos, grafiteiros que levam Arte para as ruas da cidade em que abordam em seus trabalhos, poéticas sobre a relação do homem amazônico com a natureza. Em uma tecedura onde o hibridismo de formas humanas com animais cria seres antropomórficos do imaginário dos artistas, da qual imaginar uma Amazônia que por si só já é imaginada pelos seus habitantes, visa compreender no ponto de vista dos artistas o que é o espaço onde eles vivem, o espaço amazônico.

A ideia de juntar-se e produzir *graffiti* na cidade de Parintins nasce da inquietação de produzir uma arte mais contemporânea, não fugindo da sua cultura amazônica, mas se reinventando através de referenciais artísticos da Arte Urbana e dos estudos através da Universidade, como no curso de Artes Visuais da UFAM, da qual ambos artistas eram colegas de aula, e juntaram ideias para que pudessem levar para as ruas de Parintins. Desde 2017, os artistas trabalham juntos e continuam fazendo *graffiti* tanto na cidade como em outros lugares, participando também de festivais de arte urbana e exposições.

Graffite sobre as águas: Artistas criam mural em palafitas apoiados em canoas. A intervenção artística foi realizada na casa dos professores da comunidade de Várzea, Ilha das Guaribas, localizada às margens do rio Amazonas.



Na Amazônia profunda o desafio dos grafiteiros não está em subir grandes prédios e escalar paredes para deixar sua marca em um mural de aço e concreto, mas em manter a concentração dentro de canoas, evitar movimentos bruscos e firmar as cores alegres do graffite em palafitas no meio da floresta. Qualquer movimento errado pode lançar no rio artistas, tintas e spray.

Na última etapa do Projeto Arte Ribeira, aprovado pela Lei Aldir Blanc, que consiste em levar as intervenções artísticas para três comunidades rurais, os artistas Kermerson Freitas e Alziney Pereira mergulharam na vida das pessoas que moram sob as águas. Durante dois dias (22 e 23 de abril) transformaram a casa dos professores em obra de arte e também vivenciaram as dificuldades do dia-a-dia dos interioranos que

dependem do rio para tudo na comunidade Ilha das Guaribas, no Rio Amazonas.

A pintura desta última etapa do projeto, que passou pelas comunidades de Vila Amazônia e Bom Socorro do Zé Açú, trata sobre a questão da relação que os comunitários têm com os espaços em que vivem, principalmente com a água. Eles têm uma relação profunda com os rios, por ser uma comunidade de várzea, casas de palafitas, seu único meio de se locomover entre as residências quando está em tempo de cheia é através da canoa. Além disso, a força e liderança da mulher na comunidade é grande e que nesse sentido foi também uma referência que foi representada nas figuras, na pintura. Assim como pintar em grandes prédios tem seus desafios e perigos, pintar também em canoa apresenta seus desafios. O rio está sempre em movimento e a canoa acompanha este movimento, e foi preciso ficar estável para conseguir pintar. Ficar equilibrado numa canoa é muito difícil principalmente para pintar.





práticas. “É um projeto de extrema importância, principalmente, para o ensino de arte, pois os alunos aqui não tinham o privilégio de acompanhar esse trabalho e hoje puderam até encostar suas canoas próximas e ver a atividade sendo realizada”, destacou Perpétua.

Luiz Maia de Souza é o presidente da Ilha das Guaribas e entende a intervenção dos Curumiz como um importante legado para a região, pontuando que “esse trabalho vai deixar os alunos mais motivados. Ninguém acreditou que eles (Curumiz) vinham fazer esse trabalho, mas quando viram o início da pintura está todo mundo vindo pra cá”.

A gestora da escola, Zaiana Farias Sicsu, assegura que a comunidade é muito privilegiada ao ser beneficiada com o projeto. Para ela, as ações darão maior visibilidade para a escola e a comunidade Ilha das Guaribas. “Nós estamos muito agradecidos pela presença do projeto de terem enxergado que aqui no meio da floresta, no meio das águas, tem uma escola e trazer esse projeto pra nossa comunidade faz com que a gente se sinta reconhecido, merecido de ter alcançado essa graça”, festejou.

A outra etapa do projeto Arte Ribeira é a produção de um documentário que está em edição. Além do trabalho dos artistas, o documentário também pretende mostrar um pouco da vida dos moradores das comunidades de Vila Amazônia, Bom Socorro do Zé Açú e Ilha das Guaribas. As maiores dificuldades encontradas ao longo do desenvolvimento do projeto foram na comunidade de várzea, onde as famílias não têm acesso a serviços básicos como, por exemplo, energia elétrica.

O trabalho de quem educa se torna desafiador. O primeiro impacto, quando se chega numa comunidade ribeirinha de Várzea, é uma coisa que você pensa em desistir. Mas, quando você vê a alegria dos alunos e a dificuldade que eles passam pra chegar na escola, no tempo da seca, então, isso torna-se motivador. Tudo é feito com amor.

Texto: Carlos Alexandre

Fotos: Felipe Pessoa e Victor Nascimento

Link: <https://m.facebook.com/Curumiz/>
<https://www.instagram.com/curumiz>





CENTRO DE PRODUÇÃO E DIFUSÃO DA CULTURA DE PARINTINS - CPDP

Centro de Produção e Difusão da Cultura de Parintins (CPDP) é uma agência de comunicação voltada, exclusivamente, para evidenciar as diversas faces da cultura no Baixo Amazonas com ênfase no município de Parintins. A cidade é conhecida mundialmente por seu Festival Folclórico, mas possui também um variado leque de manifestações artísticas e culturais que precisam ser conhecidas. O projeto CPDP mostra por meio de plataforma online que a Ilha com pouco mais de 100 mil habitantes, localizada no coração da floresta amazônica, à margem direita do rio Amazonas, vai além das cores azul e vermelha, possuindo um arsenal colorido culturalmente.

Mesmo com o importante apelo cultural através do espetáculo dos bumbás Caprichoso e Garantido, a cidade não exhibe, aos moldes do festival dos bois, outras formas de manifestação cultural. Tem apenas uma biblioteca, não conta com cinema ou teatro. Em meio a essas limitações e tentando buscar reconhecimento, estão movimentos como pastorinhas, bumbás mirins, bumbás em miniaturas, pássaros, blocos de carnaval, grupos de danças entre tantos outros folguedos que fazem parte da rica história da cidade, mas que infelizmente não recebem a mesma atenção dada aos bumbás.



Com a pandemia do novo Coronavírus foi necessária a mudança para que esses folguedos se mantivessem vivos e a internet se tornou a grande vitrine para a reafirmação desses importantes movimentos. Com isso, o CPDC criou um site de conteúdo exclusivamente cultural que reúne documentários, fotos, vídeos, podcasts, entrevistas, depoimentos e intervenções artísticas para ratificar a força do que Parintins tem de melhor, seu povo, sua gente, sua cultura. Assim, o Centro atua com interação da produção, informação, difusão, distribuição e recepção dos atores sociais que movimentam essa cadeia criativa.

Hoje o palco da CPDC está na internet e considera a potencialidade desse fenômeno tecnológico como novo espaço cultural e como um canal de comunicação e interação com o público. O CPDC também irá manter viva em seu site (em breve), a memória de um povo que tem em suas veias sangue artístico e que poderá ser acessado a qualquer momento e em qualquer lugar nessa grande biblioteca virtual. Este projeto foi contemplado no Edital Prêmio Feliciano Lana por meio da Lei Aldir Blanc.

Texto: Carlos Alexandra e Eldiney Alcântara

Fotos: Sávio Pimentel

Link: https://www.instagram.com/cpdc.pin/?utm_medium=copy_linkdifusaocultparintins.com





BREVE HISTÓRIA DO HIP-HOP

Pesquisadores atribuem a criação do Hip-Hop a Kevin Donovan, mais conhecido como Afrika Bambaataa, considerado um dos três patriarcas da cultura hip-hop, juntamente com o DJ Kool Herc e o DJ Grandmaster Flash. A expressão hip-hop fazia referência direta a uma forma de dançar popular da época, que consistia em movimentar os quadris (to hip) e saltar (to hop), uma nova forma de exercício libertário e de reivindicação. No entanto, o termo na faz referência apenas a dança, mas sim ao movimento cultural como um todo, pois, o hip-hop é constituído por quatro principais manifestações artísticas: o MC (o mestre de cerimônia), o DJ (disco jôquei, é o responsável pela música que dá base para o mestre de cerimônia), o break (a dança do hip-hop – feita pelo b-boy ou b-girl) e o grafite (arte plástica do hip-hop) (ROCHA, DOMENICH E CASSEANO, 2001).





O break dance, dança atrelada ao movimento hip-hop, como já dito anteriormente, surgiu representando os conflitos e o cotidiano dos guetos nova-iorquinos. O nome break foi atribuído pelo DJ Herc, pois, “os jovens que iam as festas dançavam no break da música, que era o nome dado a técnica de interromper a batida mais forte da música, como se ela estivesse quebrada e se repetisse por alguns segundos” (SILVA, 2010 apud REIS, 2013, p. 37).

O hip-hop é uma das várias culturas que se espalharam, ganhando cada vez mais adeptos pelo mundo, principalmente a dança (break), com grande influência da modernidade. Transitando na história do hip-hop no Brasil, é consenso que este movimento chegou nos anos de 1980, se infiltrando em práticas discretas que já existiam por aqui como o samba, a capoeira entre outros.



No Amazonas, o hip-hop iniciou em meados da década de 80, nos bailes de flashback, que eram de muito sucesso em Manaus. Na década de 90 foi criada a organização de hip-hop, chamada MHM – Movimento hip-hop Manaus, que proporcionou a saída do hip-hop dos bairros periféricos da capital, chegando a outros lugares do estado, como a cidade de Parintins, no Baixo Amazonas.

Em Parintins, o hip-hop chegou nos anos 90, encontrando também um ambiente favorável para seu desenvolvimento, principalmente o elemento dança, que predominou nos bailes de flashback da cidade ganhando muitos admiradores e adeptos com o passar dos anos.

Esse estilo passou a ser praticado na cidade de Parintins por Glaucivan Oliveira da Silva, que foi pioneiro do movimento na cidade e pertencia ao grupo “Irmãos Cobra”, que, através do break, viu uma maneira interessante de se expressar e de dançar diferenciadamente, inspirando outros jovens de sua idade e seus irmãos mais novos, compartilhando aos poucos o que aprendia nos programas de televisão, que mostravam grupos de hip-hop se apresentando. E, depois dessa chegada do hip-hop, houve uma pausa dessa manifestação cultural em Parintins, por motivos pessoais dos adeptos do movimento daquela época, voltando poucos anos depois com a liderança do irmão de Glaucivan, chamado Glebson, mais conhecido como b-boy Pito, que começou a liderar o grupo de hip-hop “Gravidade Zero”, que até hoje ainda tem realizado apresentações na cidade de Parintins.

Texto: Glebson Silva

Foto: Glebson Silva





INSTITUTO CULTURAL AJURI – INCA



O Instituto Cultural Ajuri (INCA), fundado na cidade de Parintins (AM) em 10 de abril de 2009, é uma associação de direito privado, constituída por tempo indeterminado, sem fins econômicos, de caráter organizacional, cultural, educacional, assistencial e promocional, com a finalidade de promover o desenvolvimento sustentável, humano, social e cultural de seus associados e assistidos.

Reconhecido por Lei Estadual como de Utilidade Pública do Amazonas, o INCA tem como missão promover o desenvolvimento sustentável, humano, social e cultural de agentes e comunidades amazônicas, através de projetos e programas voltados para atividades e ações. Como visão, busca ser referência amazônica de responsabilidade social, geração de oportunidades e valorização da diversidade cultural, contribuindo na formação de cidadãos críticos e participativos, comprometidos com a sustentabilidade, com a justiça social, com a igualdade racial e com a democracia. Para tanto, pauta-se em valores como responsabilidade social, ética, cidadania, respeito, igualdade, sustentabilidade, identidade cultural.

Texto: Cláudia Prestes

CONHEÇA ALGUMAS AÇÕES E PROJETOS DESENVOLVIDOS PELO INCA:

Grito da Periferia - busca promover a diversidade cultural e artística de Parintins (AM). Hoje é um dos maiores eventos de artes integradas da região norte, tendo reunido mais de 500 artistas em sua última edição (2019).



Veja como foi o último Grito da Periferia presencial em 2019.

Link: <https://youtu.be/qmA1WwqtA5k>

Festival Afro-Amazônico – criado em 2019, tem o objetivo de promover a cultura afro-brasileira através de oficinas, palestras, mostras e apresentações culturais.



Link: <https://youtu.be/RtstTWJBQpw>

Live “Amazônia Viva” - realizada anualmente no dia 5 de setembro, Dia da Amazônia, mobiliza artistas e lideranças de várias partes do Brasil e de outros países para uma live show em defesa do bioma amazônico e dos povos da floresta.



Link: <https://www.youtube.com/watch?v=JsAj0QbOa4U>

Campanha pela criação de cursos de artes na UEA – Mobiliza agentes políticos, artistas e estudantes para debater estratégias de criação de cursos de artes na Universidade Estadual do Amazonas (UEA) em Parintins (AM), atendendo uma demanda vocacional da região. A campanha provocou a realização de Audiência Pública onde foram demandados cursos de graduação em Dança, Música e Teatro.



Escola Afro-Amazônica - projeto educacional antirracista que promove a identidade cultural afro-brasileira e indígena junto aos alunos do Ensino Médio das cidades de Parintins (AM) e Borba (AM).





ESCOLA AFRO-AMAZÔNICA

A Escola Afro-Amazônica é um projeto de educação antirracista do Instituto Cultural Ajuri em parceria com o Instituto Manaós que oferece atividades de formação voltadas para a promoção da identidade afro-brasileira e indígena nas escolas, junto aos alunos do ensino médio da rede pública de ensino do Amazonas, em atendimento das leis federais 10.639/03 e 11.645/08, que determinam o ensino obrigatório das histórias e das culturas africana, afro-brasileira e Indígena nas escolas brasileiras.





Em 2021, nos municípios amazonenses de Parintins e Borba, as atividades formativas do Projeto Escola Afro-Amazônica foram realizadas no período de 3 meses (setembro a dezembro), atendendo cerca de 600 estudantes do Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino.

Oferecendo suporte pedagógico aos estudantes inscritos com abordagem de temas afro-indígenas, o projeto disponibiliza os seguintes materiais didáticos:

A) 2 Vídeos com show didático com o tema “Negros e indígenas na cultura do Boi Bumbá de Parintins”.

B) 14 vídeoaulas com temáticas ligadas às histórias e culturas africana, afro-brasileira e indígena

C) 4 livros didáticos: Revista “ETNIAS, Educação e Cultura Afro-Amazônica”; Caderno “Perspectivas Pedagógicas Afro-Indígenas”; Revista em Quadrinhos “Histórias e Mitos Indígenas da Amazônia” e Caderno “História Social da Intolerância Religiosa na Contemporaneidade”.

Além dos materiais didáticos citados, serão oferecidos certificados de participação aos envolvidos.

O Projeto Escola Afro-Amazônica, que tem o apoio do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP) foi contemplado por Emenda Parlamentares de autoria da Deputada Estadual Alessandra Campêlo da Silva, para celebração de convênio entre o Instituto Manaós e a Secretaria de Estado da Educação e Desporto do Governo do Estado do Amazonas.





ACESSE NOSSAS VÍDEO AULAS PELO YOUTUBE:

INSTITUTO CULTURAL AJURI.INCA

<https://www.youtube.com/channel/UCVi-UDHOqfMZ1DMZIxIhrlw>



COMPANHIA DE TEATRO PARINTINTIM

Em 22 de agosto de 2019, com o pensamento “O teatro pode transformar vidas”, fundou-se a Companhia de Teatro Parintintim com atuação dentro do teatro “pós-dramático e contemporâneo” e foi um pilar fundamental para a aproximação e interesse por essa linguagem. Com ele, a companhia realizou pesquisas de formas distintas de contar uma história por meio de muitas possibilidades narrativas: vídeo, foto, música, dança, performance, o ato de dramatizar em cena todas as possibilidades que o teatro moderno pode proporcionar, um sonho, uma história, uma comunicação sinestésica que o espetáculo provocava em virtude de todo o aparato cênico. Um desejo de muitos amigos que amam o teatro.



CIRCULANDO/TRABALHO TEATRO

Esses trabalhos teatrais continuam abrindo portas. Com ele, houve familiarização com uma linguagem e uma nova maneira de pensar o trabalho do ator e a função do teatro no panorama contemporâneo. Os espetáculos realizados são uma forma de contar temáticas que a princípio estavam esquecidas no cotidiano da nossa cidade. A missão é resgatar e valorizar uma cultura rica em elementos cênicos.

Trabalhos teatrais da Companhia Parintintim: Auto de natal, auto do boi galante, auto do boi garantido, boto a dança, Matinta Pereira, neguinho do campo grande; Icamias encanto de uma história.

Texto: Assessoria de comunicação da Companhia de Teatro Parintintim

Fotos: Arquivo da companhia de teatro Parintintim





Movimento

GRITO DA PERIFERIA

Cultura e Diversidade

REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



PREFEITURA MUNICIPAL
PARINTINS



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



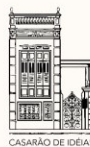
**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

APOIO



ALESSANDRA
DEPUTADA ESTADUAL

*ela é de
coragem*



PARINTINS - AMAZONAS